

Da travessia dos tempos

Vejo no *Em teu seio Liberdade* o testemunho de um escritor sobre as nossas "ficações" do dia-a-dia. O mais importante, contudo, é a capacidade de indignação que ele nos transmite, com finura e sabedoria.

Avesso aos clichês, Hugo Almeida persegue o fio de nossa humanidade, tão agredida pela demolição das referências, pela exacerbação do individualismo a que nós — desertados à força da preocupação com o coletivo — fomos impelidos nesses últimos 21 anos.

À tentativa de vivenciar outras linguagens e novas estruturas, o autor levanta a poeira de uma temática familiar ao cidadão comum deste país. E faz um sutil mergulho, como o nadador que conhece a raia e sabe que o primeiro impulso lhe serve para alcançar mais rápido a outra margem.

O olho do escritor não é o olho do repórter. Este, todavia, marca ponto primitivo, vital: literatura não se faz sem a vida, sem o fato — nossa poesia do cotidiano, ou os horrores, o passo. O escritor, porém, nos resgata a perspicácia e põe o dedo no acontecimento, denunciando a rotina que embrutece.

Hugo Almeida revolve o trágico em "Olha o que você fez comigo", o pungente em "Choro convulso", o irônico em "O segundo homem" e em "O estadista em Marrecos" — onde desnuda, com talento de humorista, a fala provinciana e vazia de nossos "políticos", fadados a chefes de Estado.

Há, ainda, o telúrico em "Como beija-flor" — quase novela, onde a gente viaja o paradoxo nas estradas do sertão de Minas, como se estivesse em um roteiro aprimorado de "Bye, Bye, Brasil". As lições de vida na simplicidade, em "Casos do Padre Antônio" e "Meu menino".

Em "Saudades, beijos, saudades", um dos mais inventivos, o personagem nasce e se define por passagens de cartas e bilhetes de suas mulheres: o homem exposto no drama da relação afetiva. A solidão e a fragilidade masculina saltam evidentes, no artifício da montagem.

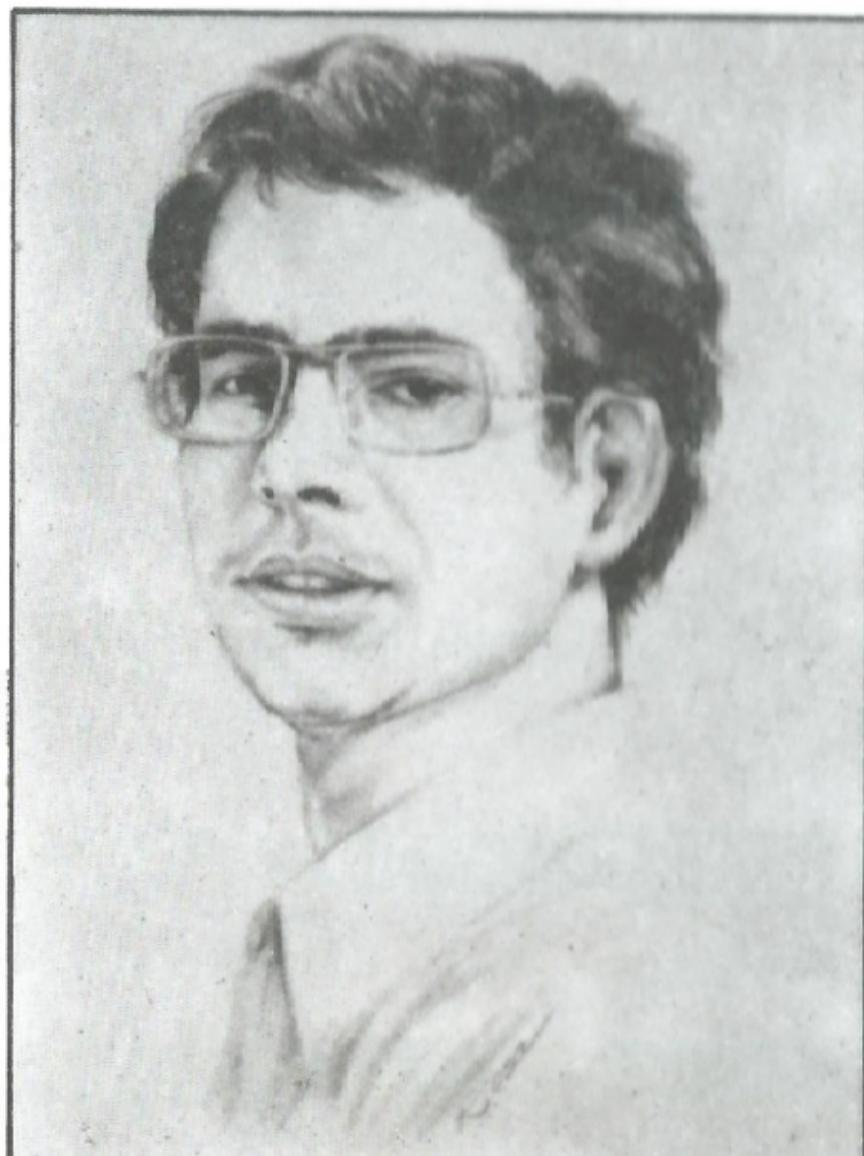
De *Globo da Morte*, primeiro livro do autor — Menção Honrosa no Prêmio Fernando Chinaglia, em 1975 —, a *Em teu seio Liberdade*, o mesmo olhar arguto, porém, um passo à frente na elaboração, no acendimento, na consistência.

Para ilustrar o livro, Hugo escolheu Rosângela Quinaud Vargas. Rosa "sacou" o recado e — livre — registrou também o seu.

Acompanhar desenho a desenho era como reler o texto com a guia do seu traço, dando — mais ainda — a força ao já criado, crescido, emancipado.

E desta cria — do Hugo, da Rosa — exala cheiro de sangue novo, como voto de esperança a seus companheiros de geração. Tomara que tenhamos atravessado, definitivamente, os tempos do globo da morte, para chegarmos, enfim, ao selo da Liberdade.

Ellane Facion



Hugo Afonso de Almeida Souza — descasado, um filho — nasceu em Nanuque (MG), em agosto de 1952, passou a infância na Bahia (Jequié e Alagoinhas) e mudou-se para Belo Horizonte em 1962. Formado em Comunicação pela UFMG em 1976, trabalhou quatro anos na Rádio Jornal do Brasil-FM-BH e três na Emater-MG. Desde outubro de 1984 reside em São Paulo, onde é redator em **O Estado de S. Paulo**. Publicou seu primeiro volume de contos, **Globo da Morte** (Edição Alternativa, BH), em 1975. **Em teu selo Liberdade** reúne textos escritos de 1976 a 1984. Seu próximo livro: **Pão e Amor**, romance.